



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**ISABELA TEIXEIRA MARQUES**

**História e ensino de História na visão de estudantes de uma escola pública do Distrito Federal: desafios e perspectivas em torno do trabalho docente**

BRASÍLIA/DF

2023

**ISABELA TEIXEIRA MARQUES**

**História e ensino de História na visão de estudantes de uma escola pública do Distrito Federal: desafios e perspectivas em torno do trabalho docente**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Susane Rodrigues de Oliveira

BRASÍLIA/DF  
2023

## **História e ensino de História na visão de estudantes de uma escola pública do Distrito Federal: desafios e perspectivas em torno do trabalho docente**

**RESUMO:** Este artigo discute os resultados de uma pesquisa sobre as concepções de História e de ensino de História dos/as estudantes de uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Distrito Federal localizada na cidade de Brazlândia. Com este objetivo analisam-se as percepções e aprendizagens dos/as estudantes, atentando para o que gostam e o que não gostam nas aulas de História, bem como suas dificuldades em relação à História ensinada. Os resultados obtidos foram coletados por meio de um questionário aplicado na escola para vinte e um estudantes. Metodologicamente, as respostas obtidas em cada questão foram categorizadas para em seguida realizar-se uma análise de conteúdo à luz de pesquisas e estudos recentes produzidos sobre o ensino de História. Neste estudo foi possível identificar diferentes percepções e formas de aprendizagem da História numa mesma turma, o que nos permitiu também refletir sobre os desafios e perspectivas em torno do trabalho docente, assinalando potencialidades, limitações e problemas vigentes atualmente nas práticas de ensino de História.

**PALAVRAS-CHAVES:** Ensino de História; História; Aprendizagens; Aula; Estudantes.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo discute os resultados de uma pesquisa desenvolvida em novembro de 2022 durante as atividades de estágio supervisionado no curso de Licenciatura em História da Universidade de Brasília. Estas atividades, desenvolvidas no âmbito de um projeto de pesquisa<sup>1</sup> do LABEH (Laboratório de Ensino de História), foram dedicadas ao estudo e investigação das aprendizagens da História em turmas dos anos finais do

---

<sup>1</sup> Este projeto intitulado “Aprendizagens em História nas escolas do Distrito Federal” foi desenvolvido coletivamente no Laboratório de Ensino de História da UnB, sob a coordenação das professoras Susane Rodrigues de Oliveira e Cristiane de Assis Portela.

Ensino Fundamental em escolas públicas do Distrito Federal, a partir do reconhecimento e análise dos saberes e práticas docentes, bem como das concepções e opiniões dos/as próprios/as estudantes sobre o ensino-aprendizagem da História.

As atividades propostas pelo projeto foram desenvolvidas durante o estágio supervisionado<sup>2</sup>, a partir de observações em sala de aula, de entrevista com a professora regente e de aplicação de questionários aos estudantes de uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental numa escola pública da cidade de Brazlândia, localizada no Distrito Federal. A observação em sala de aula tinha como foco a participação e o comportamento dos/as estudantes nas aulas de História, tendo em vista a identificação de aspectos e questões que incidem nas suas aprendizagens da História. A entrevista pretendia sondar os saberes docentes e as relações entre práticas de ensino e aprendizagens da História, bem como as necessidades e interesses formativos docentes para o ensino de História. Já os questionários aplicados aos estudantes deviam proporcionar o reconhecimento de suas próprias perspectivas, representações, concepções, dificuldades e expectativas em relação à História, ao ensino de História e às aprendizagens da História. Todas estas atividades foram realizadas de acordo com o cotidiano da turma e sob a supervisão e disponibilidade da professora regente.

A partir dos resultados obtidos no desenvolvimento desse projeto de pesquisa, elegemos analisar, nesse artigo, apenas os questionários respondidos pelos/as estudantes em virtude da enorme variedade e quantidade de dados coletados. O questionário, respondido sem a necessidade de identificação do nome do/a estudante, foi composto de vinte e sete (27) questões relativas às suas concepções sobre aprendizagem e ensino de História. Das 27 questões, 10 foram “semiabertas” devendo ser respondidas com “sim” ou “não” e com o porquê da resposta escolhida. As outras 17 perguntas foram “abertas” e se relacionavam à metodologia utilizada pela professora e à História ensinada em sala de aula. A respeito dessa última, as questões solicitavam que os/as estudantes respondessem sobre o que é História e qual a sua finalidade, o que eles associavam à História, se tinha preferência por algum conteúdo dentro da disciplina, e o que mais gostavam e o que não gostavam nas aulas de História. As respostas atribuídas a essas questões são o foco de análise no presente artigo. Desse modo, optamos por analisar apenas as respostas das seguintes questões: 1) *O que é História para você?*; 2) *Na sua opinião, para que serve a História?* 3) *Cite 3 palavras que você associa à História;* 4)

---

<sup>2</sup> Atividade desenvolvida em grupo de (4) quatro integrantes durante o estágio supervisionado.

*O que você mais gosta nas aulas de História? e 5) O que você não gosta nas aulas de História?* A partir destas questões buscamos identificar e compreender as percepções dos/as estudantes sobre a História, abrangendo suas opiniões, experiências e expectativas em relação ao ensino e aprendizagem nesta disciplina. Esta pesquisa realizada diretamente e com a participação de estudantes proporcionou uma oportunidade valiosa para captar as vozes dos principais interessados no processo educativo: os/as estudantes. Metodologicamente, buscamos categorizar as respostas obtidas em cada questão para em seguida realizar uma análise de conteúdo à luz de pesquisas e estudos recentes produzidos sobre o ensino de História.

Conseguimos aplicar um total de vinte e um (21) questionários em uma turma do 7º ano. Nossa intenção era a de que os/as estudantes expusessem ao máximo suas opiniões e se sentissem à vontade para falar sobre os temas abordados. Buscando resguardar a confidencialidade e o anonimato dos participantes, foi solicitado aos mesmos que informassem apenas a idade, o sexo e a identificação étnico-racial. Esta medida visa não apenas proteger a identidade destes/as estudantes, que generosamente compartilharam conosco suas opiniões e experiências, mas também assegurar a integridade ética da pesquisa. Tal abordagem é fundamental em estudos que envolvem menores de idade, especialmente em contextos educacionais, onde a privacidade e o respeito aos participantes são cruciais.

Com essa pesquisa esperamos contribuir nos estudos e debates acerca do ensino e aprendizagem da História. Os resultados deste trabalho nos permitiram tecer reflexões importantes sobre as perspectivas e entendimentos da História como disciplina escolar, a partir das concepções e avaliações dos/as próprios/as estudantes. Consideramos bastante relevante ouvir, analisar e refletir sobre o que os/as estudantes pensam sobre ensinar e aprender História. Com isso, essa pesquisa enriqueceu a nossa formação enquanto pesquisadores/as e futuros/as docentes, na medida em que permitiu conhecer e refletir criticamente sobre as demandas, desafios, potencialidades, problemas e limites recentes do ensino de História em nossa localidade.

Este artigo está organizado em cinco partes: na primeira apresentamos o perfil da turma escolhida para participar da pesquisa, bem como a análise da questão *1) O que é História para você?*; na segunda parte analisamos as respostas relativas a questão *2) Na sua opinião, para que serve a História?*; na terceira parte analisamos as respostas

relativas a questão 3) *Cite 3 palavras que você associa à História*; na quarta parte analisamos as respostas relativas a questão: 4) *O que você mais gosta nas aulas de História?* Já na última parte deste artigo analisamos as respostas relativas a questão 5) *O que você não gosta nas aulas de História?*.

## **1. O que é História para você?**

Antes de analisar as respostas obtidas nos questionários faz-se necessário caracterizar a turma de estudantes que participou dessa pesquisa. Trata-se de uma turma do 7º ano, onde conseguimos aplicar um total de vinte e um (21) questionários. Havia 11 meninos e 10 meninas. Em relação à idade, a maioria deles tinha entre 12 e 13 anos, embora um deles tivesse 15 anos e três tivessem 14 anos de idade. Em relação à identificação étnico-racial: 9 se declararam pardos, 5 brancos e 7 pretos. Esses dados são reveladores da diversidade constitutiva do público alvo desta pesquisa.

De forma a analisar as percepções dos/as estudantes sobre a História e o ensino de História, as perguntas dispostas no questionário foram estruturadas de maneira a incentivá-los a expressar livremente seus pensamentos, conhecimentos e sentimentos sobre a História enquanto disciplina escolar, bem como suas opiniões e avaliações sobre as aulas de História. Assim, ao expor os resultados obtidos pelas respostas dos/as estudantes optamos aqui por nomeá-los como ESTUDANTE 1, ESTUDANTE 2 e assim sucessivamente, mantendo o anonimato dos respondentes.

Em relação à primeira pergunta – “o que é História para você?” – os/as estudantes nos deram as seguintes respostas:

- ESTUDANTE 1: Coisas que aconteceram há muitos anos atrás.
- ESTUDANTE 2: Uma matéria importante para aprender coisas do passado como a 1ª e 2ª guerra mundial.
- ESTUDANTE 3: Para lembrar o passado de anos atrás.
- ESTUDANTE 4: São datas e acontecimentos passados.
- ESTUDANTE 5: São coisas que já aconteceram há muitos anos atrás.
- ESTUDANTE 6: É coisas antigas.
- ESTUDANTE 7: Uma matéria da escola.
- ESTUDANTE 8: Coisas do passado.
- ESTUDANTE 9: São coisas contadas (lendas, contos).
- ESTUDANTE 10: Estudar o passado.
- ESTUDANTE 11: Saber sobre o passado.

ESTUDANTE 12: Para aprender coisas que a gente não sabe.  
ESTUDANTE 13: Conhecimentos antigos que são passados para nós.  
ESTUDANTE 14: São os conhecimentos das pessoas mais velhas passados pra nós.  
ESTUDANTE 15: É saber mais sobre o passado.  
ESTUDANTE 16: É uma coisa muito importante, pois a gente vive em uma história.  
ESTUDANTE 17: Uma matéria.  
ESTUDANTE 18: Tudo que é muito importante do passado.  
ESTUDANTE 19: História é saber sobre o passado.  
ESTUDANTE 20: Aprender a história do Brasil.  
ESTUDANTE 21: Coisas que aconteceram no passado que a gente tem que revisar para entender o antes e o agora.

A maioria destas respostas revela uma concepção de que a História é o passado ou próprios fatos do passado, como uma “coisa” do passado ou “conhecimento de pessoas mais velhas”, numa perspectiva bastante positivista e tradicional, pouco sintonizada com a BNCC e os avanços no campo da teoria da História. Observamos ainda que alguns estudantes (7 e 17) tinham uma visão de que a História nada mais é do que apenas uma matéria da escola. Foram pouquíssimas as respostas (11 e 19) que apontaram para uma concepção de que a História é um saber produzido “sobre” o passado; e apenas dois estudantes (16 e 21) responderam à questão indicando a relação da História com a vida no tempo presente.

A maioria das respostas revela, portanto, uma concepção que confunde a História com o próprio passado. É notável que grande parte dos/as estudantes percebe a História predominantemente como o estudo de eventos do passado, onde os mesmos associam-na a uma realidade distante no tempo, dissociada do presente. Esta visão, como apontado por Flávia Caimi (2006), está relacionada a uma perspectiva tradicional da História, onde a mesma está voltada para a aquisição cumulativa de informações, a partir de um ensino mecânico pautado na memorização. Essa abordagem tradicional está ligada também a um tratamento da História como uma sequência de acontecimentos marcantes, muitas vezes centrada em figuras heroicas ou em grandes eventos históricos, alimentando assim a “cultura do ensino de História pautado numa visão mais factual e cronológica” (CAIMI, 2006, p. 20).

Numa concepção marcadamente positivista, a História é concebida como o próprio passado e tende a ser ensinada ou veiculada como verdade pronta e acabada, sem qualquer possibilidade de crítica ou reconhecimento das condições de sua

produção. Este tipo de História impõe como verdade as narrativas dos livros didáticos e dos/as professores/as em sala de aula, e geram avaliações muitas injustas e quantitativas baseadas na repetição e memorização dos fatos. Como bem disse Azevedo e Stamatto,

(...) Na disciplina História, tais pressupostos marcam um processo de ensino-aprendizagem onde o conteúdo histórico é veiculado principalmente pelo texto-base ou pelo discurso do professor, tornando-se o objeto principal do ensino a recuperação de informações e a memorização. O exercício “Responda”, com variantes como: citar, preencher lacuna, escrever nomes, copiar informações do texto, entre outras, torna-se o eixo central das atividades (2010, p. 706).

Essa concepção positivista, ainda segundo Circe Bittencourt (2008, p. 141), baseia-se na defesa de que o conhecimento humano é completamente objetivo e no argumento de que é viável formar uma História universal compartilhada por toda a humanidade, tratando a História como um saber que se fundamenta na imparcialidade do indivíduo que a elabora. Trata-se de uma concepção pautada em “verdades consagradas” e inquestionáveis, baseada na suposição de que as fontes falam por elas mesmas sem a intervenção ou ponto de vista do seu autor ou narrador. Epistemologicamente, este tipo de História tende, portanto, a esconder as relações de poder e saber que atravessam a produção do conhecimento histórico, impondo a ideia de que o passado nos chega neutro, pronto e acabado, o que é bastante problemático no ensino de História, tendo em vista os avanços historiográficos no reconhecimento do caráter subjetivo e arbitrário dos recortes, valores e interpretações produzidas por aqueles que narram e ensinam a História. Nessa perspectiva, o ensino de História tende a ser pautado na repetição de conteúdos e não na possibilidade de re-interpretação e crítica daquilo que se diz sobre o passado, o que coloca o/a estudante numa posição muito passiva e desestimulante diante do conhecimento histórico, sem a possibilidade de desenvolvimento do pensamento crítico sobre o passado-presente.

Desse modo, é possível afirmar que a persistência de uma concepção positivista na visão dos/as estudantes sobre a História, tem certa relação com o ensino de História, mas também com as concepções de História que circulam em nossa sociedade, pois é comum observarmos na televisão e na mídia a sua presença. No ensino de História essa perspectiva tradicional positivista se manifesta na cronologia linear dos acontecimentos históricos, mas também no foco em datas e acontecimentos isolados, nas limitações dos materiais didáticos, na exclusão de narrativas críticas sobre a própria História, bem



como no uso de numa abordagem tradicional onde o passado é desconectado do presente. Esse conjunto de fatores corrobora para que os/as estudantes vejam a História como um conjunto de conhecimentos pronto e acabado, distante e separado de suas próprias vidas, como algo que simplesmente se passou sem qualquer conexão ou importância no tempo presente.

Já as poucas respostas (11 e 19) que indicam a concepção de que a História é um conhecimento sobre o passado e não o próprio passado parecem mais sintonizadas com as mudanças operadas no campo historiográfico e nos currículos recentes.

No campo da historiografia a concepção positivista da História vem sofrendo duras críticas a partir das discussões de reconhecimento do caráter discursivo da História. No bojo destas discussões, Keith Jenkins (2001) nos coloca a distinção fundamental entre História e Passado. Como bem explica o autor, o passado é o conjunto de eventos e experiências que ocorreram independentemente de serem registrados ou lembrados. Já a História é uma narrativa ou um discurso sobre o passado, uma construção social moldada por quem escreve e pelo contexto em que escreve, sendo influenciada por diversos fatores como o tempo em que o historiador vive, suas crenças pessoais e métodos de pesquisa disponíveis (JENKINS, 2001). Nessa acepção, a História é sempre uma forma de conhecimento situado. Ou seja, se a História visa investigar o passado, é somente por meio de discursos, leitura, escrita e interpretação que conseguimos alcançá-lo. Nas palavras do autor, “o passado já passou, e a história é o que os historiadores fazem com ele quando põem as mãos à obra” (JENKINS, 2001, p. 28). Assim, um mesmo objeto de investigação histórica pode ser interpretado de maneiras diversas por meio de diferentes discursos. Há uma gama variada de interpretações que mudam e se distinguem de acordo com as perguntas e respostas produzidas por cada historiador em seu tempo e espaço.

Já em relação aos currículos recentes, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 396) enfatiza a necessidade de desenvolver nos estudantes habilidades de pensamento crítico, investigativo e reflexivo, permitindo que eles compreendam o processo de produção do conhecimento histórico e participem ativamente desse processo. Para isso propõe que incentivemos os estudantes a pesquisar, questionar, analisar fontes históricas, formular hipóteses e construir narrativas históricas. O documento enfatiza ainda a importância de perceber o processo histórico como uma construção narrativa. Nessa perspectiva,

A relação passado/presente não se processa de forma automática, pois exige o conhecimento de referências teóricas capazes de trazer inteligibilidade aos objetos históricos selecionados. Um objeto só se torna documento quando apropriado por um narrador que a ele confere sentido, tornando-o capaz de expressar a dinâmica da vida das sociedades. Portanto, o que nos interessa no conhecimento histórico é perceber a forma como os indivíduos construíram, com diferentes linguagens, suas narrações sobre o mundo em que viveram e vivem, suas instituições e organizações sociais. Nesse sentido, “O historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala. Toda operação com documentos, portanto, é de natureza retórica (BRASIL, 2018, p. 397).

Por certo, a BNCC reforça a necessidade de uma aprendizagem significativa onde os/as estudantes possam ter a oportunidade de compreender o modo como a História é produzida a partir das fontes, sendo estimulados enquanto sujeitos que produzem conhecimento histórico.

Já as respostas (16 e 21) parecem indicar a pouquíssima presença de uma concepção de História que se articula com o presente da vida dos/das próprios/as estudantes. Esse entendimento reflete uma abordagem mais recente e analítica da disciplina como uma ferramenta que permite conhecer o passado e, ao mesmo tempo, fazer uma leitura do presente. A História, nesse sentido, pode se apresentar como uma ponte entre o passado e o presente, permitindo aos/as estudantes contextualizar suas próprias experiências dentro de um *continuum* histórico mais amplo, como apresentado pela resposta “porque a gente vive a história”. Essa visão está sintonizada com o que diz Seffner (2001, p. 39) sobre as aprendizagens significativas em História, onde um dos objetivos do ensino de História é transformar os/as estudantes em agentes históricos dando a eles/elas a percepção de que fazem parte do processo de transformação no tempo.

Devemos considerar ainda que as respostas para “o que é História” numa mesma turma tem relação não só com o que se ensina na escola, mas também com o meio no qual os/as estudantes estão inseridos. Como argumenta Seffner (2001, p. 38), o contexto familiar, o que leem nas mídias, bem como no seu convívio diário com os colegas, tudo isso os/as influenciam diretamente nas suas interpretações e apreensões de mundo. Desse modo, entendemos que os saberes históricos que se manifestam no cotidiano

escolar são resultantes de muitas variáveis e estão conectados com leituras particulares de mundo que se compartilham na sociedade. Ou seja, essas muitas variáveis envolvem diretamente também a forma particular como cada estudante aprende a lê e a vivenciar a realidade. Vale ressaltar que essas leituras de mundo são mobilizadas pelos conhecimentos recebidos e construídos ao longo de suas trajetórias, em vários espaços de troca e aprendizagem enquanto agentes socioculturais (CAVALCANTI, 2021, p. 6).

## **2. Para que serve a História?**

A segunda pergunta do questionário direcionado aos/às estudantes foi “Para que serve a História?” e obtivemos as seguintes respostas:

- ESTUDANTE 1: Para lembrar fatos acontecidos no passado.
- ESTUDANTE 2: Para entender a história antiga.
- ESTUDANTE 3: Para gente lembrar o passado de anos atrás.
- ESTUDANTE 4: Para saber os acontecimentos do mundo.
- ESTUDANTE 5: Para saber do que já aconteceu.
- ESTUDANTE 6: Para muitas coisas, tipo lembrar o passado.
- ESTUDANTE 7: Conhecer as pessoas passadas.
- ESTUDANTE 8: Nos informar do passado.
- ESTUDANTE 9: Para entender sobre as relações que aconteceram.
- ESTUDANTE 10: Estudar o passado para saber contar teorias e saber explicar o que aconteceu.
- ESTUDANTE 11: Para entender o passado.
- ESTUDANTE 12: Para aprender as histórias do Brasil todo.
- ESTUDANTE 13: Para nos ensinar sobre o nosso passado.
- ESTUDANTE 14: Para aprender sobre o passado.
- ESTUDANTE 15: Aprender sobre o passado.
- ESTUDANTE 16: Para contar sobre algo histórico.
- ESTUDANTE 17: Para estudar.
- ESTUDANTE 18: Conhecer o passado.
- ESTUDANTE 19: Para saber sobre o passado e a vida no presente.
- ESTUDANTE 20: Para termos o entendimento do que aconteceu nos séculos anteriores.
- ESTUDANTE 21: Para saber a importância das coisas e das relações entre os humanos.

A maioria das respostas dadas pelos/as estudantes revela uma concepção de que a História serve apenas para entender/aprender/relembrar/saber/estudar o passado. Com verbos diferentes, temos dezenove respostas que concorrem para um mesmo sentido.

Apenas dois estudantes (19 e 21) revelaram uma concepção distinta que aponta para a importância da História na vida no tempo presente, o que mantém ou reforça o padrão de respostas obtidas na questão “o que é História”.

A História é uma ferramenta indispensável para o entendimento da complexidade das ações humanas no tempo. Como bem argumenta Seffner, “a História é útil para modificar de alguma forma as impressões e opiniões que se tem a respeito da situação presente” (2001, p. 37). Nessa perspectiva, compreendemos a importância de um ensino de História que eduque para o reconhecimento de que o estudo do passado nos ajuda a compreender melhor o tempo presente e a transformar ou projetar o futuro. Infelizmente, a maior parte das repostas dadas pelos/as estudantes indicam uma concepção de História desvinculada do presente, sem qualquer importância na vida dos/as estudantes. O estudo da História aparece assim como um agregado de conhecimentos sobre o passado que os/as estudantes devem saber ou lembrar, mas sem qualquer função ou utilidade no tempo presente, o que de certa forma tende a tornar a disciplina pouco estimulante ou atrativa para esses/as estudantes. Esta visão da História está conectada com a maioria das respostas dadas para a primeira pergunta “o que é História”, sinalizando para o predomínio de uma concepção bastante tradicional de História, presa ao passado e desconectada das questões do tempo presente.

De acordo com Fonseca (2009), o ensino de História deve contribuir na formação de uma consciência crítica e reflexiva, de forma que ao mergulhar no estudo dos eventos passados, os/as estudantes possam desenvolver uma compreensão mais profunda das forças sociais, políticas e culturais que moldam o mundo atual. Esta compreensão é vital para qualquer análise crítica do presente, permitindo aos/as estudantes reconhecer padrões, entender dinâmicas de poder e apreciar as complexidades e diversidades das sociedades humanas ao longo do tempo.

Nessa perspectiva, compreendemos que o ensino de História deve ir além do simples ato de memorizar datas e eventos. Deve envolver a interpretação de contextos, a discussão de causas e consequências e a apreciação da diversidade humana ao longo do tempo. A História deve nos ensinar a questionar, a procurar evidências, a analisar diferentes perspectivas e a desenvolver argumentos fundamentados. Tais habilidades são indispensáveis não apenas no ambiente acadêmico, mas também na vida cotidiana,

onde a capacidade de análise crítica e de tomada de decisão informada é cada vez mais necessária.

Ademais, a História tem uma aplicação prática no desenvolvimento de habilidades de pesquisa e comunicação. Os/as estudantes podem aprender a coletar, analisar e interpretar dados, a construir narrativas coerentes e a comunicar suas descobertas de forma clara e coerente. Essas habilidades são transferíveis para uma variedade de campos e profissões, tornando o estudo da História valioso mesmo para aqueles que não pretendem seguir uma carreira acadêmica na área.

### **3. Cite 3 palavras que você associa à História**

Partindo ainda do interesse em analisar os sentidos e significados que os/as estudantes atribuem à História, pedimos no questionário para que citassem 3 palavras que eles associam à História, e obtivemos as seguintes respostas:

ESTUDANTE 1: Antiguidade; Morte; Lendas.  
ESTUDANTE 2: Atividades; Matéria; Escola.  
ESTUDANTE 3: Matéria; Passado; Antiguidade.  
ESTUDANTE 4: Idade Média; Moderna; Antiguidade.  
ESTUDANTE 5: Livro; Passado; Morte.  
ESTUDANTE 6: Livro; Morte; Atividades.  
ESTUDANTE 7: Antiguidade; Livro; Morte.  
ESTUDANTE 8: Passado; Acontecimentos; Séculos.  
ESTUDANTE 9: Livro; Relógio; Escola.  
ESTUDANTE 10: Passado; Império; Teorias.  
ESTUDANTE 11: Antiguidade; Faraó; Múmias.  
ESTUDANTE 12: Livro; Descobrimto do Brasil; Professor.  
ESTUDANTE 13: Matéria; Antiguidade; Livro.  
ESTUDANTE 14: Conhecimento; Passado; Culturas.  
ESTUDANTE 15: Passado; Presente; Futuro.  
ESTUDANTE 16: Passado; Leitura; Matéria.  
ESTUDANTE 17: Passado; Fatos; Escola.  
ESTUDANTE 18: Morte; Livro; Escola.  
ESTUDANTE 19: Mapas; Guerra; Morte.  
ESTUDANTE 20: Idade Média; Livro; Princesas.  
ESTUDANTE 21: Martinho Lutero; Igreja Católica; Antiguidade.

A partir destas respostas foi possível elaborar a seguinte nuvem de palavras predominantes:

IMAGEM 1 - Cite 3 palavras que você associa à História.



Fonte: Nuvem de palavras produzida pela autora desse artigo.

Para fazer essa contabilização das palavras, utilizamos a ferramenta Pro Word Cloud do editor de texto *Word*, após transcrever todas as respostas dos questionários. A partir disso, observamos que as palavras livro, passado e antiguidade são as três mais citadas pelos/as estudantes, sendo seguidas pelas palavras morte, escola e matéria. Já as palavras de menor tamanho são as que tiveram algumas ou apenas uma menção.

A grande presença da palavra “passado” reforça as concepções de História que observamos nas respostas das duas perguntas anteriores “o que é História” e “para que serve a História”. Em seguida temos a palavra “antiguidade” que também associa a história a algo e/ou um período distante no tempo. Já a recorrência da palavra “morte” denota uma associação da História com acontecimentos dramáticos e trágicos que resultaram em mortes. Estas palavras mais uma vez reforçam a concepção de História como um passado distante e relacionado apenas a eventos dramáticos, como também observou Caimi (2006).

A grande incidência da palavra “livro” pode estar relacionada ao livro didático como o único recurso onde se tem acesso ao passado em sala de aula, e também como principal material didático utilizado pelo/a professor/a de História. Essa associação da História com o livro pode também ser problemática, como aborda Baumgarten (2017, p. 65), na medida em que seus conteúdos geralmente são apresentados de forma

conturbada, negligenciando a participação dos grupos minoritários e marginalizados dos grandes movimentos sociais ocorridos na história da humanidade. Pode-se ainda, correr o risco de passar a ideia de que toda a História está contida ali, direcionando seus conteúdos aos padrões tradicionais de uma aprendizagem neutra, passiva e fragmentada (OLIVEIRA, 2017).

Já a associação da História com as palavras “escola” e “matéria” se associa a algumas respostas que observamos também na primeira pergunta “o que é história”, onde a História se apresenta para alguns estudantes como mera matéria de estudo na escola, o que reduz a sua importância na vida prática e no tempo presente, pois é vista como algo que serve apenas dentro da escola. Diante disso, observamos que esses/as estudantes carecem de uma concepção de que a História é um conhecimento válido para a vida prática dos indivíduos, pois supõe a aprendizagem de uma experiência (VEYNE, 2008, p. 127), podendo assim contribuir na tomada de decisões no tempo presente, bem como na formação para a cidadania, ampliando seus conhecimentos e experiência para a vida em sociedade.

Pelas palavras mobilizadas pelos/as estudantes podemos afirmar que suas associações à História, podem ser entendidas também como resquícios de saberes acumulados ao longo de sua formação escolar, bem como de suas trajetórias pessoais e leituras de mundo. Segundo Cavalcanti, “a combinação dessas variáveis constitui um elemento decisivo na forma como ele lê, entendi, compreendi e atribui sentido ao mundo, à escola e a a matéria História” (2009, p. 6).

#### **4. O que você mais gosta nas aulas de História?**

A quarta parte desse artigo, dedica-se a apresentar e analisar as respostas sobre o que os/as estudantes mais gostam nas aulas de História. Como resultado obtivemos as seguintes respostas:

ESTUDANTE 1: História dos negros e escravos.

ESTUDANTE 2: Quando passa mapa mental.

ESTUDANTE 3: Mapas mentais.

ESTUDANTE 4: O jeito que professora fala sobre a História do mundo e das pessoas.

ESTUDANTE 5: Os mapas mentais.  
 ESTUDANTE 6: Leitura em grupo.  
 ESTUDANTE 7: A metodologia da professora.  
 ESTUDANTE 8: Mapa mental.  
 ESTUDANTE 9: Atividades diferenciadas.  
 ESTUDANTE 10: O diálogo.  
 ESTUDANTE 11: Histórias de guerras e reinos.  
 ESTUDANTE 12: Projeto, é muito bom.  
 ESTUDANTE 13: Os acontecimentos de guerra.  
 ESTUDANTE 14: Quando passa mapa mental.  
 ESTUDANTE 15: Saber sobre a Idade Média.  
 ESTUDANTE 16: Da professora.  
 ESTUDANTE 17: Interpretar os personagens romanos.  
 ESTUDANTE 18: Do jeito da professora.  
 ESTUDANTE 19: Quando a professora passa mapa mental e depois explica coisinha por coisinha.  
 ESTUDANTE 20: Os conteúdos, a forma como eles são passados pela professora.  
 ESTUDANTE 21: O jeito que a professora conversa com a gente.

Para categorizar as respostas obtidas nessa questão, usamos como parâmetro a identificação de elementos comuns presentes nas respostas dadas pelos/as estudantes, chegando aos seguintes resultados:

**TABELA 1 – O que você mais gosta nas aulas de História?**

CATEGORIAS	RESPOSTAS	TOTAL
1. Metodologias mobilizadas pela professora	“Quando passa mapa mental”; “mapas mentais”; “os mapas mentais”; “leitura em grupo”; “mapa mental”; “atividades diferenciadas”; “projeto, é muito bom”; “quando passa mapa mental”; “quando a professora passa mapa mental e depois explica coisinha por coisinha”; os conteúdos, a forma como eles são passados pela professora”; “a metodologia da professora”;	11
2. Relação da professora com a turma	“Da professora”; “do jeito da professora”; “O jeito que a professora conversa com a gente”; “O jeito que professora fala sobre a História do mundo e das pessoas”; “o diálogo”.	5
3. Estudo de temas e/ou períodos históricos	“História dos negros e escravos”; “os acontecimentos de guerra”; “saber sobre a Idade Média”; “interpretar os personagens romanos”; “histórias de guerras e reinos”.	5

Fonte: Tabela produzida pela autora desse artigo.



Analisando o quadro de respostas, podemos identificar que há 3 tipos de respostas para o que os/as estudantes mais gostam nas aulas de História. Nas respostas enquadradas na primeira categoria identificamos, num universo de vinte e uma respostas, que onze delas apontavam que os aspectos preferidos dos/as estudantes nas aulas de História estão atrelados às questões envolvendo a metodologia mobilizada pela professora. Isso indica que os métodos de ensino de História contribuem nas aprendizagens, muito mais que os conteúdos, tornando-se assim, um fator determinante para que os/as estudantes gostem mais das aulas.

Os mapas mentais são ferramentas eficazes para organizar informações complexas e facilitar a compreensão de conexões entre eventos, conceitos e pessoas na História. Essa preferência está relacionada com tendências pedagógicas contemporâneas que reconhecem o valor do aprendizado visual e da participação ativa dos/as estudantes na construção do conhecimento. Sobre isso, Baumgarten (2017) argumenta que as metodologias adotadas por professores/as de História, ao contemplarem as diferentes linguagens e fontes tornam-se não apenas uma forma de levar o conhecimento ao/a estudante, mas o/a leva a apropriar-se desse conhecimento de forma significativa e prazerosa (2017, p. 72).

Já as respostas enquadradas na segunda categoria nos mostram que uma parte considerável dos/as estudantes, cinco num universo de vinte e um, gostam das aulas pelo tipo de relação que a professora estabelece com a turma. Desse modo, compreendemos que a relação professor-aluno é fundamental também ao estímulo e interesse dos estudantes pela disciplina escolar. Professores/as atenciosos/as e que tratam os/as estudantes com respeito tendem a estimulá-los no interesse pelos estudos em sua disciplina.

A resposta “O jeito que a professora conversa com a gente” nos revela a importância da construção de um ambiente de afeto e diálogo em sala de aula. Ainda segundo Baumgarten (2017), o bom relacionamento com o/a professor/a influencia no interesse pela disciplina e pelos temas de História e vice-versa, de modo que a sala de aula se torna um local de encontro e discussão, onde se estabelecem relações de diálogo e partilha de experiências individuais e coletivas, bem como a produção de diferentes saberes, dando assim significado à aprendizagem histórica (2017, p.78).

Além disso, a afinidade dos/as estudantes/as com a disciplina apresenta-se ligada à professora e seu jeito de explicar o conteúdo, como expresso pela resposta “o jeito que professora fala sobre a História do mundo e das pessoas”. Essa relação de afinidade pela disciplina está atrelada em grande parte pelos procedimentos metodológicos acionados professora docente. Nessa perspectiva, Cavalcanti (2021) também observou em uma pesquisa similar que o gosto dos/as estudantes por determinada matéria escolar tem relação com a identificação desses/as com a docente, bem como com as explicações realizadas por ela (2021, p. 12).

Já a terceira categoria de respostas, que somatizam cinco num universo de vinte e um, revelam que o gosto pela disciplina também está associado ao estudo de certos temas e/ou períodos históricos. Nessa perspectiva, as respostas apontam o interesse pela história da Idade Média, dos negros, dos escravizados, dos romanos, das guerras e dos reinos. O interesse dos/as estudantes pela “história dos negros e escravos” demonstra um desejo por um ensino de História mais próximo das identidades étnico-raciais e das questões que permeiam a vida de boa parte dos/as estudantes das escolas públicas periféricas do DF. A abordagem da história dos negros e escravizados não apenas amplia o escopo do currículo histórico, mas também promove a conscientização sobre temas historicamente marginalizados e silenciados. Isso ajuda os/as estudantes a reconhecer as injustiças e desigualdades do passado e a refletir criticamente sobre a persistência do racismo no tempo presente. Ao explorar esses tópicos, os/as estudantes podem desenvolver empatia, compreensão intercultural e uma apreciação pela diversidade de experiências humanas ao longo do tempo.

Nessa perspectiva estamos de acordo com Candau (2009) que enfatiza a importância de um currículo inclusivo e representativo da diversidade étnico-racial. A aula de História deve trazer também as vivências passadas que ajudem a compreender ou problematizar a realidade dos/as estudantes. Segundo a autora, esse tipo de abordagem potencializa a aprendizagem ao valorizar e reconhecer cada sujeito envolvido, combatendo “todas as formas de silenciamento, invisibilização e/ou subalternização de determinados sujeitos socio-culturais” (CANDAUI, 2009, p. 43).

## 5. O que você não gosta nas aulas de História?

A última pergunta do questionário aplicado aos/às estudantes refere-se ao que ele não gostam nas aulas de História. Como resultado obtivemos as seguintes respostas:

ESTUDANTE 1: “Texto”.  
ESTUDANTE 2: “Quando repete a mesma coisa várias vezes”.  
ESTUDANTE 3: “Não tem nada que eu goste”.  
ESTUDANTE 4: “Textos”.  
ESTUDANTE 5: “Nada”.  
ESTUDANTE 6: “Não sei dizer”.  
ESTUDANTE 7: “Copiar textos longos no caderno”.  
ESTUDANTE 8: “Texto muito grande”.  
ESTUDANTE 9: “Textos grandes”.  
ESTUDANTE 10: “Textos muito grandes”.  
ESTUDANTE 11: “Copiar textos muito grandes”.  
ESTUDANTE 12: “Estudar as mesmas coisas”.  
ESTUDANTE 13: “Tudo, não gosto da matéria”.  
ESTUDANTE 14: “Muitas coisas, não gosto dessa matéria”.  
ESTUDANTE 15: “Repetir os mesmos assuntos”.  
ESTUDANTE 16: “Copiar textos muito grandes”.  
ESTUDANTE 17: “Copia texto”.  
ESTUDANTE 18: “textos grandes”.  
ESTUDANTE 19: “Escrever muito no caderno”.  
ESTUDANTE 20: “Ter que copiar”.  
ESTUDANTE 21: “Copiar textos”.

Para categorizar as respostas obtidas nessa questão, usamos também como parâmetro a identificação de elementos comuns presentes nas respostas dadas pelos/as estudantes, chegando aos seguintes resultados:

**TABELA 2 – O que você não gosta nas aulas de história?**

CATEGORIAS	RESPOSTAS	TOTAL
1. Textos e textos longos	“Texto”; “Textos”; “Texto muito grande”; “Textos muito grandes”; “texto grande”; “Textos muito grandes”.	6
2. Conteúdos repetitivos	“Repetir os mesmos assuntos”; “Estudar as mesmas coisas”; “Quando repete a mesma coisa várias vezes”.	3
3. Cópia	“Copiar textos longos no caderno”; “Copiar textos muito grandes” Copiar textos muito grandes; “Copia texto”; “Ter que copiar”; “Copiar textos”, “escrever muito no caderno”.	7

4. Não soube responder e/ou não gosta da matéria	“Não tem nada que eu goste”; “Nada”; “Não sei dizer”; “Tudo, não gosto da matéria”; “Muitas coisas, não gosto dessa matéria”.	5
--	---	---

Fonte: Tabela produzida pela autora desse artigo.

Analisando o quadro de respostas, podemos identificar que os/as estudantes não gostam de aulas que envolvem a leitura de textos longos, conteúdos repetitivos e cópias de textos no caderno. Trata-se de recursos e metodologias de ensino que tornam uma aula de História bastante cansativa e desinteressante na visão dos/as estudantes. Não por acaso, cinco estudantes declararam explicitamente que não gosta das aulas de História, o que nos parece bastante problemático. A combinação dessas respostas aponta para um desejo dos/as estudantes por um ensino de História que seja relevante, interativo e reflexivo. A compreensão dessas percepções é crucial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respondam às necessidades e interesses dos estudantes. Isso sugere que mesmo que a narrativa histórica tradicional ainda esteja presente no ambiente escolar, há uma crescente demanda por abordagens mais dinâmicas e envolventes que possam atender às diferentes necessidades e interesses dos/as estudantes.

Ademais, a constante queixa dos estudantes acerca do uso de textos longos nas aulas de história, pode estar ligada também às dificuldades ou deficiências de letramento básico na aprendizagem da leitura, escrita e interpretação de texto. Seguindo nessa direção, Silva (2011) define o conceito de letramento como,

(...) A capacidade adquirida pelos indivíduos ou grupos sociais, que lhes permite utilizar a leitura e a escrita de forma ativa e competente, em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial. Os indivíduos letrados mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada (2011, p. 121).

Assim, a falta de letramento dos/as estudantes corrobora para que esses/as não consigam acompanhar o conteúdo ou muitas vezes entender o que está sendo ensinado, ocasionando o sentimento de despreço pela aula de História. Nessa perspectiva, entendemos que nas aulas de História, o uso da oralidade, da leitura e da escrita tornam-

se pilares essenciais para as aprendizagens da História. Ou seja, quando os/as estudantes entram nos anos finais do ensino fundamental sem essa capacidade, torna-se mais difícil o processo de aprendizagem da História. Azevedo e Monteiro (2013) explicam que nos anos finais do ensino fundamental ocorre uma mudança significativa na dinâmica de utilização da fala, leitura e escrita, ou seja, nas práticas de letramento. Nessa fase, a oralidade, leitura e escrita não são mais os objetos a serem aprendidos, como ocorre nos anos iniciais, mas se tornam objetos dominantes para aprender-se nas disciplinas. Não se trata mais de estudar para aprender a falar, ler e escrever corretamente; agora, fala-se, lê-se e escreve-se para aprender, como é o caso da disciplina de História (AZEVEDO; MONTEIRO, 2013, p. 564-565).

Ademais, Azevedo e Monteiro argumentam que durante essa fase do ciclo escolar, os estudantes são chamados a utilizar diversas habilidades de comunicação, como a fala, a leitura e a escrita. Eles encontram vários professores que esperam que desenvolvam práticas de letramento e autonomia, algo que muitos não conseguem alcançar. Dessa forma, a leitura e a escrita se tornam mais desafiadoras, pois exigem que o/a estudante mobilize diferentes tipos de linguagem para abordar ou estudar um tema específico. Além disso, a compreensão necessária nesta fase recai sobre práticas de letramento para as quais eles não foram adequadamente preparados, carecendo da autonomia necessária para realizá-las (AZEVEDO; MONTEIRO, 2013, p. 564-565).

Esse conjunto de fatores, sugere que o uso de textos em sala de aula precisa de melhores estratégias de leituras por parte dos docentes. Como bem disse Isabel Solé (1998, p.78),

(...) Um professor ou especialista em determinada matéria deve ensinar, ao leitor incipiente, estratégias de leitura que ainda lhe são inacessíveis. [...] as estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão dos textos. Estas não amadurecem, não se desenvolvem, nem emergem, nem aparecem. Ensinam-se – ou não se ensinam – e se aprendem – ou não se aprendem (apud SILVA, 2011, p. 120).

Do mesmo modo, as críticas às aulas de História frequentemente giram em torno do excesso de textos e das repetições dos conteúdos. Como bem discute Nadai (1993), a abordagem tradicional baseada em textos e memorização pode ser desestimulante para

os/as estudantes, pois os mesmos ficam muitas vezes presos ao decoreba ou mesmo às “colas” para passar nos exames (1993, p. 143). A autora argumenta que esse ensino tradicional da História, gera o afastamento dos/as estudantes ao invés de integrá-los/as, e que por esse motivo é necessário a adequação a métodos de ensino mais interativos e envolventes que possam até mesmo instaurar um diálogo interdisciplinar (NADAI, 1993).

Já Seffner (2001) argumenta que além de ser desestimulante o excesso de escrita em uma aula de História, não é efetivo para as aprendizagens dos conteúdos. Uma vez que a diversidade precisa habitar também o terreno das atividades, ou seja, a aula de História não pode ser apenas leitura e cópia. Embora sejam fundamentais para as aprendizagens, a leitura e escrita precisam estar acompanhadas de outros elementos como debates, atividades com desenho, visitas a locais históricos, etc (SEFFNER, 2001, p.42). Ademais o autor defende que “sempre será melhor que o estudante escreva pouco, mas de forma original, do que apresente longas respostas, inteiramente copiadas de livros” (SEFFNER, 2001, p. 43).

As respostas dos/as estudantes indicam a necessidade de aprendizagens por meios mais ativos e dinâmicos. Como bem defende Padilha (2014), a utilização de metodologias ativas e participativas no ensino de História, como o uso da tecnologia nas aulas de aula, pode ajudar no diálogo entre docentes e estudantes, a fim de se evitar não apenas o aumento do desinteresse dos/as estudantes pelas aulas, como também para tornar mais atraente, prazeroso e compensador o ofício do educador (2014, p. 81).

## **CONCLUSÕES**

Os questionários aplicados para uma turma de 7º ano do ensino fundamental evidenciam os sentidos e significados da História e das aulas de História para os próprios estudantes, permitindo-nos refletir sobre os desafios e perspectivas em torno do trabalho docente, assinalando potencialidades, limitações e problemas vigentes atualmente nas práticas de ensino de História. Boa parte das respostas para o que é História e para que ela serve, aponta para o predomínio de uma concepção ainda bastante tradicional que confunde História e Passado, considerando a História como um

agregado de datas e fatos desconectados do presente e sem qualquer sentido na vida dos/as estudantes. Estas respostas nos indicam a necessidade de valorização da História como um conhecimento sobre o passado que é passível de debates, críticas e reconstrução, abrindo-se a possibilidade para que os/as próprios/as estudantes se sintam estimulados como sujeitos que produzem conhecimento histórico e possam compreender mais profundamente o mundo em que vivem, suas culturas e as diversas transformações sociais ao longo do tempo.

As preferências dos/as estudantes por abordagens pedagógicas mais dinâmicas, como o uso de mapas mentais e a discussão de temas específicos e representativos, apontam para a necessidade de aulas de História mais interativas, envolventes e inclusivas. Essa tendência é um reflexo das mudanças no cenário educacional, onde o foco está cada vez mais em métodos de ensino que promovam a participação ativa dos/as estudantes e a reflexão crítica sobre os conteúdos ministrados.

Por outro lado, as críticas dos/as estudantes em relação ao uso excessivo de textos e conteúdos repetitivos nas aulas de História destacam a importância de diversificar as estratégias de ensino e evitar abordagens monótonas e cansativas que podem desestimular o interesse dos/as estudantes. Deve-se também refletir sobre a adoção de estratégias de leitura e letramento que visem combater as dificuldades dos/as estudantes na aprendizagem do conteúdo histórico. O conjunto desses fatores reforça a necessidade dos/as professores/as continuarem na busca por formas inovadoras e eficazes de engajar os/as estudantes no estudo da História, incentivando à leitura e o desenvolvimento do pensamento histórico.

Na análise dos questionários respondidos pelos/as estudantes foi possível apresentar e discutir alguns indícios significados das aprendizagens e dos métodos de ensino de História na visão dos/as próprios/as estudantes de uma escola pública do DF. Estamos cientes de que estes dados e a maneira como foram coletados (produzidos e transcritos) nos impõe também certas limitações nas conclusões e análises a que chegamos. Por isso, essa pesquisa não tem a pretensão de ser conclusiva. Frisamos, portanto, a necessidade de mais pesquisas e estudos sobre as concepções dos/as estudantes acerca do ensino de História nas escolas de Brasília para que possamos contribuir com discussões em prol de práticas de ensino de História mais inovadoras, dinâmicas e inclusivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Crislaine Barbosa; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Teoria historiográfica e prática pedagógica: as correntes de pensamento que influenciaram o ensino de história no Brasil. *Antíteses*, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 703–728, 2011. DOI: 10.5433/1984-3356.2010v3n6p703. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/4571>. Acesso em: 19 jul. 2024.

AZEVEDO, Patrícia Bastos de; FERREIRA DA COSTA MONTEIRO, Ana Maria. A sala de aula e a produção de sentido em práticas de letramento na história ensinada. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 559–580, 2013. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.8i2.00010.

BAUMGARTEN, Lídia. Aprendizagem histórica no ensino de História: algumas considerações. *Revista Crítica Histórica*, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 62–83, 2017. DOI: 10.28998/rchv18n15.2017.0004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – Educação é a Base. Brasília: MEC, 2018 (História, pp. 397-433, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, pp. 531-579).

CAIMI, Flávia Eloísa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Revista Tempo*. Vol. 11, n. 2, 2006.

CAVALCANTI, Erinaldo. A HISTÓRIA ENSINADA: sentidos e significados atribuídos pelos alunos da Educação Básica a partir da experiência do PIBID/Fahist. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História*, [S. l.], v. 18, n. 32, p. 1–25, 2021. DOI: 10.18817/ot.v18i32.851.

FONSECA, Selva Guimarães. Fazer e ensinar História. Belo Horizonte: *Dimensão*, 2009. *Horizonte*, v. 12, n. 17, p. 2237-8871.2011, 2011.

JENKINS, Keith. *A História repensada*. Tradução de Mario Vilela. Revisão Técnica de Margareth Rago. São Paulo: Contexto, 2001.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 25/26, p. 143-162, set. 1992-ago. 1993.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. História: A Necessidade de Repensar o Ensino de História no Âmbito Educacional e Social. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Edição 05. Ano 02, Vol. 01. pp 408-433, Julho de 2017. ISSN:2448-



0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/ambito-educacional-e-social>> Acesso em 19 jul.2024.

PADILHA, Márcia. Das tecnologias digitais à educação: nova cultura e novas lógicas para a formação docente. In: COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL – CGI.br. *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras – TIC Educação 2013*. São Paulo: CGI.br, 2014. Coord. Alexandre F. Barbosa. Disponível em: <<http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-educacao-2013.pdf>>. Acesso em: 19 jul.2024.

SEFFNER, Fernando. Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula. *Revista História (UNICRUZ)*, Cruz Alta, v. 2, p. 18-23, 2001.

SILVA, Marco Antônio. Letramento no ensino de história. *Cadernos de História, Belo Sociais Aplicadas*, pp. 531-579.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

## DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

“Eu, **Isabela Teixeira Marques**, declaro para todos os efeitos que o Trabalho de Conclusão de Curso “**História e ensino de História na visão de estudantes de uma escola pública do Distrito Federal**” foi integralmente por mim redigido e que assinei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico”.

*Isabela Teixeira Marques*

**Isabela Teixeira Marques**